

O PELOURINHO

Celso Maria de Mello Pupo.

Marca o Pelourinho uma graduação significando a promoção de uma freguesia à categoria de vila autônoma, com administração própria, com suas leis e com sua economia. Campinas fundada em 1774, já em 1797 atingia desenvolvimento suficiente para se tornar vila, o que não era comum no Brasil português, pois, na capitania de São Paulo, muitas freguesias se tornaram mais que centenárias para atingir foros de promoção.

Ricardo Gumbleton Daunt, médico, irlandês naturalizado brasileiro, mudando-se para Campinas em 1845, teve o patriótico cuidado de colher e registrar toda a tradição oral que alcançou. Mesmo não sendo história, a tradição contém preciosos esclarecimentos que facilitam a fixação de fatos, e luzes que podem levar a conclusões exatas no trato da documentação.

Francisco Quirino dos Santos, poeta - atividade que leva o rebuscador da história à fantasia, e jornalista, que visa a divulgação de incentivos à pesquisa - legou-nos utilíssimos relatos e indicações documentais valiosas que o grande Benedito Otávio, com sua consolidada cultura geral, utilizou em trabalhos que, com os seus dois antecessores, marcaram pontos a se repetirem no faiscar pelas fontes históricas.

Deste último, o "Almanaque Histórico e Estatístico" de 1914, transcreve documentação das mais valiosas, com indicação das publicações e arquivos onde foram encontradas, o que prestigia e enobrece o autor. Suas conclusões - assim como as de seus antecessores citados, a vista de outras documentações e em consequência de organizações modernas de arquivos que, para nós de hoje, oferecem maiores facilidades de consultas e mais sólida segurança de interpretação - podem exigir retificações, o que, em nada, lhes diminui o valor.

Discorre Benedito Otávio sobre a tentativa de recusa a Barreto Leme, do seu mérito em ter doado área para o rocío, no território de sua sesmaria, como afirmara o Dr. Ricardo. E, para tanto, fundamentou suas conclusões em atas da Câmara Municipal, nas quais processou uma investigação, encontrando depoimentos idôneos e confirmando-se que a área de Campinas fora doação de Francisco Barreto Leme, o único sesmeiro que povou e cultivou sesmaria antes da fundação em 1774.

Constituída a freguesia na fundação de Campinas, trouxe-lhe grande progresso a indústria açucareira, resultando na aspiração de independência administrativa de seus habitantes. Solicitada por estes a elevação da freguesia em 27 de outubro de 1797, foram atendidos pela portaria governamental de 16 de novem-

bro seguinte, e ato institucional de 14 de dezembro, sob a presidência do Ouvidor Geral e Corregedor Luís de Barros Monteiro, e elevação do pelourinho significativo da autonomia.

Da elevação do pelourinho, ficou lavrado um termo que registrou o ocorrido:

"foi escolhido um terreno livre e desembaraçado de todas as partes, que se acha em distância bastante da Igreja Matriz, e fronteiro à mesma" (veja-se que o terreno do pelourinho, "livre e desembaraçado de todas as partes", pois a matriz provisória já havia sido demolida), "por parecer melhor para nele se levantar o Pelourinho para sinal de Jurisdição, mandou o dito Ministro levantar, o qual é um pau de Cabreuva oitavado; E aí defronte do dito Pelourinho se escolheu o lugar para os Paços do Conselho e Cadeia, ficando-se três estacas em sinal de onde principiar a obra e seguir para a parte da Igreja, ficando de ambos os lados desembaraçado de cada parte quarenta palmos para passagem e saída do Pátio da Matriz e Praça do Pelourinho" (veja "Campinas, seu Berço e Juventude" página 71), (1).

Se examinarmos o significado das duas palavras, pátio e praça na época em que foram escritas, encontraremos:

"Pátio s. m. Área murada e descoberta que está à entrada da casa".

"Praça s. m. (Do latim platea) Lugar espaçoso dentro de qual quer povoação, onde se fazem as feiras, mercados etc" (2).

Em Campinas existe igreja com seu pátio vedado por muros; é a Capela de Santa Cruz. E, então, pátio se entendia área privativa da casa ou igreja, imprópria para outras utilidades, enquanto a praça se classificava por um utilitarismo variado. Os mesmos dizeres "ficando de ambos os lados desembaraçados, de cada parte quarenta palmos para passagem e saída do Pátio da Matriz e Praça do Pelourinho" já foram por nós interpretados (trabalho acima citado) como indicativos da existência de dois logradouros distintos.

E esta nossa interpretação encontra documentos que a confirmam como exata, na mesma obra de Benedito Otávio, quando trata e transcreve do Livro de Atas da Câmara Municipal, documentos relativos à dúvida levantada sobre a doação de Barreto Leme, de área para fundar-se a cidade, cuja exatidão ficou provada por testemunhas e seus depoimentos no processo, quando também afirmaram "que os terrenos municipais são os compeendidos dentro de um quarto de légua para os lados do Pelourinho, o qual era situado junto à Cadeia atual, no Largo do Mercadinho".

Sabido como é que a praça Antônio Pompêu teve vá-

rias designações, recordemos Júlio Mariano:

"Em 1853, O Paço Municipal, Cadeia, Forum, todos funcionavam num só edifício, por vezes chamado Cadeia Velha. Construção que datava de 1816, o casarão da Municipalidade se erguia no local onde se encontra o monumento a Carlos Gomes, tendo pela frente o Largo da Matriz; à direita o Largo do Pelourinho (3). ~~_____~~

Os dizeres do minucioso historiador, testificam bem utilidade para os campinenses, de um pátio da Matriz e uma praça do Pelourinho, que também foi o largo do Mercadinho restaurado em 1872, na vacância do Pelourinho que se mudara para a antiga praça da bica do nascente.

E veja-se, ainda, o Livro do Tombo da Câmara Municipal, aberto em 5 de setembro de 1884, em cujo termo de abertura se encontra esta afirmativa:

"Este Pelourinho esteve colocado na pequena Praça do mesmo nome naquela época" (1797) "e anos depois, sendo depois denominada pela Câmara Municipal Praça Carlos e Gomes e atualmente da Liberdade".(4). Hoje praça Antônio Pompeu.

~~xxxx xxxxx xxxxxxx xxxxxx~~ E ainda temos conceituado historiador, Omar Simões Magro, que em belo trabalho de 1923, afirmava: "A Cadeia situada em uma praça oblonga", "ao lado o largo do Pelourinho". "O Pelourinho foi mudado do largo ao lado da Cadeia, para o largo que terminava a viela desse nome, largo que hoje se chama Heitor Penteado. Um dia porém, foi derrubado e queimado, e o largo se chamou da Liberdade por proposta de Francisco Glicério. Ali, uma chácara que a si própria se classifica de - Benemérita - levantou o novo mercadinho, hoje pouso das andorinhas" (5).

(de livro em preparo)

Notas

- 1 - Benedito Otávio de Oliveira, "Almanaque de Campinas" 1914, pag. 32
- 2 - Frei Domingos Vieira, "Tesouro da Língua Portuguesa.
- 3 - Júlio Mariano, "A Peste das Bexigas", "Correio Popular" 20/12/1966
- 4 - Livro do Tombo da Câmara Municipal de Campinas.
- 5 - Omar Simões Magro, "As Casuarinas", "Correio Popular" 3/10/1976.